

A ARQUITETURA DO PLANO DE AÇÃO E SEUS AGENTES: PAULO MENDES DA ROCHA

Julia Galvão Verri (PIBIC/CNPq/FA/UEM), André Augusto de Almeida Alves (Orientador), e-mail: juliagalvaoverri@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia / Maringá, PR.

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Palavras-chave: Arquitetura moderna, Plano de Ação, IPESP, Mendes da Rocha.

Resumo:

A produção de edifícios promovida pelo Plano de Ação (1959-1963) constitui episódio importante da moderna arquitetura paulista. Partindo da recuperação de aspectos da cultura arquitetônica moderna do segundo pós-guerra até 1968, conforme Frampton (1997), o trabalho estuda os projetos de Mendes da Rocha para o Ipesp. Elucida os aspectos relativos à técnica como instrumento de domínio da natureza e emancipação do homem; à ênfase plástica na representação da nação em desenvolvimento em cidades do interior; à busca pela constituição arquitetônica do projeto de identidade nacional; à ambígua e conciliatória vertente do novo brutalismo inglês e às abordagens psicossociais que nas propostas do *Team X*, unem arquitetura e cidade. Para a análise das obras, utilizou-se o método apresentado por Piñon (2015), que consiste na compreensão dos projetos por meio de seu redesenho.

Introdução

Os edifícios públicos produzidos no estado de São Paulo durante o Plano de Ação (1959-1963) do governo de Carvalho Pinto constituem episódio importante da moderna arquitetura paulista, cuja historiografia ressalta a questão da identidade nacional. Partindo do cenário mais amplo da trajetória da arquitetura moderna, conforme Frampton (1997), e da compreensão dos projetos arquitetônicos pelo processo de redesenho, segundo Piñon (2009), o presente trabalho efetua uma leitura da obra de Paulo Mendes da Rocha no âmbito desta iniciativa de planejamento estatal, enfatizando suas relações com a cultura e o debate arquitetônico internacional e com o fazer arquitetônico.

Materiais e métodos

Vários autores se debruçam sobre a arquitetura promovida pelo Ipesp. Buzzar (2015) a trata enfocando a linguagem nascente nos ginásios de Itanhaém (1959) e Guarulhos (1960), projetados por Artigas, do ponto de vista da expressão da identidade e do desenvolvimento nacional. Alves (2008) realiza uma análise da produção social do espaço, que procura compreender o processo de modernização

do estado e do país a partir das iniciativas de planificação estatal, entendendo o Estado, planejadores e arquitetos como agentes sociais envolvidos no Plano de Ação. Tais abordagens, pelo seu alcance e significado, sugerem perspectivas de leitura igualmente globalizantes, e que ao mesmo tempo não percam de vista a concretude da prática do ofício da arquitetura, do fazer arquitetônico e seu resultado, os espaços edificados da cidade.

No livro *História Crítica da Arquitetura Moderna*, Frampton (1997) discorre sobre o cenário arquitetônico internacional no período entre 1933 e 1968. Avançando rapidamente para o segundo pós-guerra, o autor trata de temas como: a monumentalização da técnica na produção de Mies van de Rohe (cap. 26, segunda parte); a nova monumentalidade e a questão da comunicação na arquitetura americana do *New Deal*, com Kahn e Fuller, entre outros (cap. 27, segunda parte); o *International Style* como adaptação a contextos regionais de cultura e natureza, dentre os quais o caso brasileiro, com as questões da identidade nacional e representação do poder expressas em Brasília (cap. 1, terceira parte); a experiência multifacetada do Novo Brutalismo inglês, com suas referências de esquerda e proximidade com abordagens antropológicas (cap. 2, terceira parte); e finalmente, a experiência da nova geração de arquitetos modernos do *Team X*, seu interesse em abordagens psicossociais e na prática que une arquitetura à cidade e suas preexistências (cap. 3, terceira parte).

Apenas aparentemente distantes, segundo a ótica de uma vertente hegemônica da arquitetura moderna brasileira e sua historiografia que enfatizam recorrentemente a questão da identidade nacional ou da construção da nação moderna, tais aspectos estabelecem um diálogo significativo com a conjuntura brasileira e com a produção em tela. Assim, o trabalho objetiva efetuar uma leitura dos projetos de Paulo Mendes no âmbito do Plano de Ação, por meio de uma aproximação entre a arquitetura paulista e o debate da arquitetura moderna internacional, com ênfase no fazer arquitetônico. Para além de adentrar tais horizontes pouco explorados, o trabalho se justifica por se debruçar sobre uma fase da produção do então jovem arquiteto em que suas pesquisas são intensas, constituindo verdadeiros laboratórios nos quais reflete sobre a produção contemporânea e a realidade brasileira, que por sua vez marcam sua trajetória e arquitetura posterior. Parte-se da hipótese de que a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha se desenvolve no entrecruzamento das questões e debates internacionais, conforme Frampton, com a realidade social e projetual local, revelando-os. Para tanto, a pesquisa baseia-se em Piñon (2011), para quem a atividade de redesenho ou remodelagem revela-se ferramenta fundamental para a compreensão da obra legada pelos mestres: “(...) a reconstrução de um projeto é praticamente a única maneira de reconhecer os valores de sua arquitetura, isto é, cultivar – através dos olhos – a capacidade de julgamento, uma qualidade essencial para o projeto”.

Além da pesquisa bibliográfica, os projetos de Mendes da Rocha para o Plano de Ação – Grupo Escolar Antônio Viella Jr. (1960), Fórum de Avaré (1961), Grupo Escolar da Vila Maria (1961), Grupo Escolar do Taboão (1962), projetados para o Ipesp, e a Faculdade de Filosofia, Sociologia e Antropologia da USP (1961), projetado para o Fundusp – foram modelados tridimensionalmente e redesenhados bidimensionalmente em programas computacionais de modelagem geométrica e representação de projetos, notadamente o *SkechtUp* e o *AutoCAD*. Os redesenhos e

modelos tiveram como base os projetos executivos, quando disponíveis, e peças gráficas publicadas em revistas especializadas de arquitetura, como a Acrópole (1969). Os dados assim obtidos foram analisados de acordo com critérios de 1) implantação, 2) programa e configuração espacial, 3) estrutura e construção, e 4) produção gráfica do projeto.

Resultados e Discussão

Os projetos de Mendes da Rocha estabelecem diálogo com a arquitetura miesiana ao preverem a monumentalização da técnica, que se dá na adoção do concreto armado como material estrutural primordial – o mesmo utilizado na infraestruturação do território, em obras rodoviárias, hidrelétricas, de pontes, silos e armazéns, entre outros programas previstos no Plano de Ação – e na construção da cidade moderna, com seus programas de necessidades, espaços e equipamentos sociais complexos. Esse diálogo se rebate na estruturação do edifício por meio deste material que, diferentemente da ideia corbusieriana de estrutura independente (*pilotis*, planta livre, fachada contínua), se organiza em filas de pilares trapezoidais que se tornam as paredes estruturais divisoras dos ambientes sabidamente não integrados, como no caso das salas de aula (Grupos Escolares da Vila Maria, 1961 e do Taboão, 1962). A escolha do material – o uso extensivo senão único do concreto – é explicada do ponto de vista da comunicação, e não necessariamente da plástica e da linguagem, como referido pela historiografia marcada pela ideia de um “brutalismo paulista”. O uso do concreto acrescenta ainda uma outra camada à concepção desses edifícios: ele a destaca da arquitetura cotidiana e da arquitetura moderna já incorporada pelo mercado imobiliário, como “moda” tanto na capital como no interior, marcando seu caráter público. Além disso, outros elementos como a fenestração, iluminação zenital, pés-direitos duplos – nos quais, como acontece em Khan, uma construção chega a ocorrer dentro da outra – e a modulação se mostram decisivos para a definição de espaços de forte caráter. Neles, a ideia de se penetrar no espaço negativo de uma estrutura escavada na pedra é decisiva para que se cause uma percepção imponente do espaço.

As observações de Frampton sobre o *International Style*, não como um estilo banalizado e uniformizado nos continentes, mas opostamente, como a *unidade* de conceitos modernos adaptados em uma *diversidade* de soluções arquitetônicas adequadas às suas culturas e climas, remete à chave da identidade nacional. Esta é a faceta assimilada pela historiografia, que descreve como o arquiteto, ao compreender as intenções do Plano de Ação de promover o desenvolvimento de todo o estado, participa da criação de uma plástica de volumes simples e bem proporcionados, que expressam à população, com clareza, suas intenções sociais, desenvolvendo edifícios que se aproximam da vida do cidadão, pela permeabilidade nos espaços e atendimento à demanda de equipamentos públicos que abriguem e possibilitem o encontro e o convívio.

Uma outra chave para a compreensão dessa arquitetura reside na sua relação com o Novo Brutalismo inglês, relação que suplanta a referência superficial à rusticidade da textura das superfícies de concreto aparente ou à “verdade dos materiais” para ser entendida em termos antropológicos, do ponto de vista da relação do homem

com seu habitat, a realidade dos componentes e materiais de sua construção e da relação do homem com a sociedade moderna, caracterizada pelo consumo. Finalmente, as reflexões e projetos dos arquitetos que compõem o *Team X*, em especial sob o aspecto de se pensar a cidade, encontram rebatimento nos projetos de Mendes da Rocha, no que se refere ao trato com o sítio como dado significativo à concepção do edifício. O arquiteto efetua uma análise profunda quanto ao papel da edificação para a construção da cidade e não a desvincula de seu entorno nem a pensa como objeto isolado, estático e emoldurado. Desse modo, o trato com a topografia e com a questão da preservação das preexistências é dado motriz da concepção arquitetônica.

Conclusões

Conclui-se que há estreita interface da reflexão de Mendes da Rocha com as chaves elencadas por Frampton (1997) na reconstituição do debate e da cultura arquitetônica global do segundo pós-guerra até fins da década de 1960, interfaces estas que se materializam na prática projetual do arquiteto, conforme se percebe pela remodelagem dos projetos por ele elaborados no âmbito do Plano de Ação.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária pelo investimento na pesquisa, ao CNPQ pelo apoio e fomento, e especialmente ao orientador, professor Dr. André Augusto pela oportunidade, discussões profundas e abrangentes e grande atenção.

Referências

ALVES, A. A. A. **Arquitetura escolar paulista 1959 – 1962: o PAGE, o IPESP e os arquitetos modernos paulistas**. 2008. Tese (Doutorado) -Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BUZZAR, M. A. A Arquitetura moderna produzida a partir do plano de ação do governo de Carvalho Pinto – Page – (1959/1963). **Revista Arq.Urb.**, São Paulo, v. 14, p. 157-170, 2015.

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GRUPO Escolar do Taboão. **Acrópole**, São Paulo, ano 31, n.365, p. 26-28, set. 1969. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/365/30>>. Acesso em 15 ago. 2019.

PIÑÓN, Helio. Cinco axiomas sobre el proyecto. 30 abr. 2008. In: HERMIDA, María Augusta (coord.). **Miradas a la arquitectura moderna en el Ecuador**. Tomo I. Maestría de Proyectos Arquitectónicos. Cuenca: Universidad de Cuenca, 2009, p. 15-27.